

# Cannabis: 12.000 anos de experiências e preconceitos

## *Cannabis: 12,000 years of experiences and prejudices*

Pedro Antonio Pierro Neto<sup>1</sup>, Luiz Marcelo Chiarotto Pierro<sup>2</sup>, Sergio Tadeu Fernandes<sup>3</sup>

DOI 10.5935/2595-0118.20230055-pt

### RESUMO

**JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS:** A *Cannabis Sativa* acompanha a evolução humana e foi utilizada por diversas populações para diversos propósitos. Ao revisar a história e os principais avanços na medicina canabinoide, o objetivo deste estudo foi identificar as maiores descobertas nos últimos anos, que fomentaram a publicação de artigos.

**CONTEÚDO:** Os seguintes tópicos foram pesquisados: “história da cannabis”, “história do haxixe”, “história da maco-nha” e “principais avanços na medicina endocanabinoide”; nos bancos de dados SCIELO, Pubmed, *Google Scholar*, Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações (BDTD), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da saúde (LILACS) e Medline (plataforma Capes).

**CONCLUSÃO:** Foi demonstrado o aumento no número de publicações após as grandes descobertas a respeito do sistema endocanabinoide, incluindo os receptores e os endocanabinoides, porém o preconceito e a dificuldade de acesso a essa ferramenta terapêutica impede um maior desenvolvimento.

**Descritores:** Cannabis, Canabinoides, História, Tetraidrocannabinol, Usos terapêuticos.

### ABSTRACT

**BACKGROUND AND OBJECTIVES:** *Cannabis Sativa* has been part of human evolution and has been used by different populations for different purposes. By reviewing the history and main advances in cannabinoid medicine, the aim of this study was to identify the major discoveries in recent years, which have prompted the publication of articles.

**CONTENTS:** The following topics were searched: “history of cannabis”, “history of hashish”, “history of marijuana” and “main advances in endocannabinoid medicine”; in SCIELO, Pubmed, Google Scholar, Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS) and Medline (Capes platform) databases.

**CONCLUSION:** There has been an increase in the number of publications following major discoveries about the endocannabinoid system, including receptors and endocannabinoids, but prejudice and the difficulty of accessing this therapeutic tool prevent further development.

**Keywords:** Cannabis, Cannabinoids, History, Therapeutic use, Tetrahydrocannabinol.

### INTRODUÇÃO

A *Cannabis sativa* acompanha a espécie humana desde o período neolítico e foi utilizada por diversas populações para os mais diversos propósitos. Novos estudos a respeito da planta demonstraram sua necessidade conforme o tempo, até chegar ao uso medicinal regulamentar da planta.

O presente estudo se trata de uma revisão narrativa que buscou mapear e remontar fatos históricos relacionados ao cultivo e uso da *Cannabis sativa* e como foram surgindo os preconceitos com relação ao seu uso em diferentes culturas e nações, que interferem na dificuldade de acesso.

### CONTEÚDO

A metodologia científica foi constituída por uma pesquisa bibliográfica integrativa, por meio de busca ativa em base de dados como SCIELO, Pubmed, *Google scholar*, Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações (BDTD), Literatura Latino-Americana e do caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e MEDLINE (plataforma Capes). Para a pesquisa foram usadas palavras-chave como “canabidiol”, “cannabis”, “legislação”, “prescrição” e “farmacologia”. Foram buscados trabalhos científicos nos idiomas português, inglês e espanhol, publicados entre 1980 e 2023.

Pedro Antonio Pierro Neto – <https://orcid.org/0009-0004-5434-8050>;  
Luiz Marcelo Chiarotto Pierro – <https://orcid.org/0000-0001-8710-1119>;  
Sergio Tadeu Fernandes – <https://orcid.org/0000-0003-3404-459X>.

1. Membro Titular da Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor; Sociedade Brasileira de Neurocirurgia; Tumi Cirurgia e Tratamentos Neurológicos, São Paulo, SP, Brasil.
2. Universidade Nove de Julho, Mestre em Sistemas de Saúde; Docente da Disciplina de Propeútica, Campus Mauá, Mauá, SP, Brasil.
3. Neurocirurgião, Tumi Cirurgia e Tratamentos Neurológicos, São Paulo, SP, Brasil.

Apresentado em 07 de julho de 2022.

Aceito para publicação em 11 de agosto de 2023.

Conflito de interesses: não há – Fontes de fomento: não há.

### DESTAQUES

- Canabinoides são descritos na literatura médica há vários anos, evidenciando a progressiva evolução dos artigos publicados.
- As novas descobertas a respeito do sistema endocanabinoide mudaram o conhecimento acerca do tratamento das doenças.
- A guerra fria e a proibição da cannabis associaram a planta a outras substâncias tóxicas. Em Genebra, depoimentos atribuíram à cannabis os mesmos efeitos da heroína, e o Brasil é um dos defensores dessa proibição.

### Correspondência para:

Pedro Antonio Pierro Neto

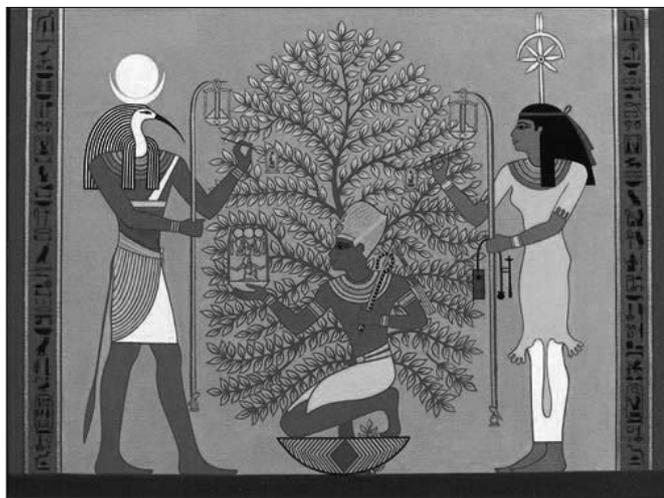
E-mail: neurocirurgia.funcional@gmail.com

© Sociedade Brasileira para o Estudo da Dor

A *Cannabis sativa* acompanha a espécie humana desde o período neolítico. Fósseis comprovam que foi uma das primeiras plantas a serem domesticadas pela humanidade<sup>1</sup>, sendo que nos primeiros manejos agrícolas, há cerca de 12.000 anos, na região da Ásia central, a planta já era consumida como alimento, assim como utilizada para a confecção de tecidos e administrada como fármaco<sup>2</sup>.

Com o desenvolvimento da escrita no mundo, encontram-se referências de utilização da cannabis em diversas culturas, como no livro chinês Pen Tsao<sup>3</sup>, escrito a partir de 2700 a.C., descrevendo o uso da planta pelo imperador Shen Neng, administrado para o tratamento de dores articulares, cólicas menstruais e alterações intestinais em terceiros<sup>4</sup>.

O Egito antigo nos forneceu diversas referências à planta. Uma delas é o papiro de Ebers, datado de 1550 a.C., que registra o uso de mais de 700 formulações médicas, sendo que em parte delas a cannabis se encontra presente para tratamento de dor, transtornos emocionais e até no emprego para o “bem-estar”<sup>5</sup>. Além de seu uso medicinal, os egípcios utilizavam a cannabis para diversas outras finalidades, entre as quais para a produção dos papiros<sup>6</sup>. Tais benefícios alçaram a planta ao patamar de sacralidade, recebendo uma representação por meio da deusa da sabedoria, Sechat, com um adorno sobre sua cabeça (figura 1).



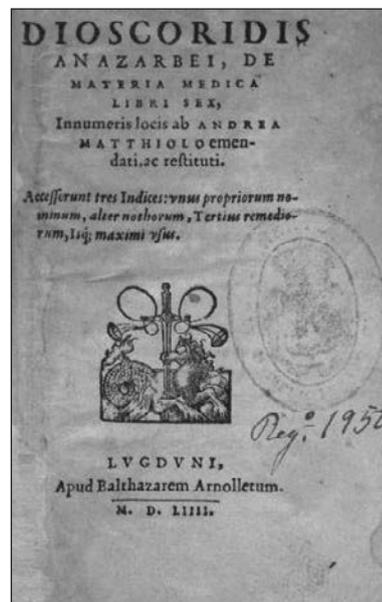
**Figura 1.** Deusa Sechat

Na Índia, a planta era utilizada com duas finalidades principais: uso religioso, conforme descrito no livro “*Atharvaveda*”<sup>7</sup> (1200-800 a.C.), que colocava a cannabis como uma das cinco plantas sagradas, sendo um presente do deus Shiva<sup>8</sup>, para que a humanidade construísse um mundo melhor; o outro uso era com fins propriamente medicinais, sendo indicada no tratamento de diversas doenças (dores, odontologia, anticonvulsivante, ansiolítico, anestésico, anti-inflamatório, antiespasmódico, orexígeno, afrodisíaco e expectorante)<sup>2</sup>. Na região do Tibete, além das indicações citadas a planta era empregada para facilitar a meditação dos monges<sup>9</sup>.

Um achado surpreendente ocorreu em 1993, quando uma múmia foi encontrada na Sibéria. Após intensa pesquisa no cadáver, o corpo foi associado a uma aristocrata de Ukok, que viveu há 2.500 anos. Seu bom estado de conservação possibilitou a identificação da *causa mortis*, decorrência de um câncer de mama. A “Princesa de Ukok”

foi enterrada com diversos pertences, entre eles três cavalos, uma bolsa cheia de cosméticos, joias, um espelho com moldura chinesa e um recipiente cheio de cannabis que parece ter relação com o tratamento dos sintomas inerentes a seu câncer<sup>10</sup>.

Naquele que é considerado o primeiro livro de farmacologia médica, “*De Materia Medica*”, de Pedânio Dioscórides<sup>6</sup>, escrito no ano 70 d.C., a cannabis figura entre mais de 1000 plantas, sendo eficaz para dores e inflamações<sup>11</sup> (figura 2: capa do livro “*De Materia Medica*”, de Pedânio Dioscórides).



**Figura 2.** Capa do livro “*De Materia Medica*” – 1.554 d.C.

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre\\_Material\\_M%C3%A9dico](https://pt.wikipedia.org/wiki/Sobre_Material_M%C3%A9dico)

Ademais, entre os anos 110 e 207 d.C., viveu na China o médico Hua Tuo, fundador da cirurgia chinesa, o qual descreveu a utilização de um composto de vinho e cânhamo, como anestésico para as primeiras cirurgias abdominais<sup>12</sup>. Tal descrição ocorreu 1600 anos antes das primeiras anestésias na Europa.

No Oriente Médio, textos médicos muçulmanos descreveram a utilização da cannabis como uma das principais plantas medicinais<sup>13</sup>. Conforme descrito nas obras de Avicena, por volta do ano 1.000 d.C., a cannabis era utilizada como diurético, antiespasmódico, analgésico, anti-inflamatório e ansiolítico<sup>14</sup>.

Durante o período da invasão dos muçulmanos na Europa, a cannabis era utilizada na produção de papel e tecidos. Por outro lado, seu uso medicinal não era tão difundido<sup>2</sup>. Em 1464, o médico Ibn al-Badri realizou a primeira descrição da utilização da planta no tratamento das crises convulsivas do filho do camareiro do Califa<sup>15</sup>. O menino deixou de apresentar crises, no entanto passou a fazer um uso abusivo do fármaco.

Já no continente africano, a cannabis foi difundida possivelmente por comerciantes árabes que faziam a rota comercial entre a Índia e os países do continente<sup>2</sup>. Na África a cannabis era usada para tratamento de picadas de cobra, analgesia no parto, sintomas relacionados à malária, problemas respiratórios e intestinais, como analgésico e ansiolítico<sup>16</sup>.

Foi por meio dos africanos, principalmente dos angolanos, que a cannabis chegou às Américas do Sul e Central, onde seu uso foi fundamental para o tratamento dos sintomas verificados a partir de agressões físicas e emocionais sofridas no período da escravidão<sup>17</sup>. Na formação das primeiras aldeias quilombolas, a cannabis estava presente, sendo absorvida por seus integrantes durante a época colonial brasileira.

A utilização médica dos derivados da cannabis, na Europa, aconteceu no início do século XIX por duas vias. Em 1798, o exército francês, comandado por Napoleão Bonaparte, invadiu o Egito com a finalidade de interromper o caminho britânico para a Índia. No entanto, os interesses franceses não objetivavam apenas conquistas territoriais.

Um contingente de 167 cientistas de diversas áreas foi levado para percorrer o país em busca de tesouros e novos conhecimentos. Todavia, a descoberta que mais chamou a atenção na época não veio desse grupo de cientistas, mas sim dos soldados. O haxixe foi descoberto pelas tropas do exército napoleônico, sendo que em pouco tempo passou a ser consumido em larga escala.

O empenho dos soldados nos combates já não se mostrava eficaz, levando o exército francês a uma série de derrotas expressivas. Napoleão, então, proibiu a utilização da resina de cannabis por seus soldados, alegando que a substância criava atitudes selvagens. Na prática, a proibição de Napoleão não surtiu efeito. Após o fracasso da expedição, os soldados retornam à França em 1801, levando o haxixe à Europa<sup>7</sup>.

Uma outra via de entrada dos derivados de cannabis na Europa ocorreu nesse mesmo período, mas através da Inglaterra, que dominava a Índia. William O'Shaughnessy, um médico irlandês de 24 anos, aceitou uma proposta para trabalhar em Calcutá, como assistente cirúrgico da então famosa Companhia das Índias Orientais, empresa britânica que controlava e governava grande parte da Índia. Durante os 8 anos em que trabalhou em Calcutá, O'Shaughnessy aprendeu sobre diversas plantas, incluindo a cannabis. Após realizar diversos estudos em animais, passou a utilizar a planta em seus pacientes com cólera, doenças reumáticas, raiva, tétano e, principalmente, no controle de crises convulsivas.

O jovem médico e pesquisador passou a defender publicamente o uso da planta, defendendo-a em periódicos médicos, por meio dos quais relatava suas experiências. Um dos exemplos desse interesse foi registrado em 1839, no *Provincial Medical Journal* de Londres, que descreveu o tratamento realizado em uma criança recém-nascida, por meio de um extrato de cannabis, para combater convulsões refratárias. De volta à Europa, em 1841, O'Shaughnessy levou pequenas quantidades de cannabis e apresentou para a Sociedade Farmacêutica Real como um fármaco inovador. A partir desse momento, a cannabis passou a ser utilizada e estudada em diversos países da Europa e da América do Norte<sup>18</sup>.

Durante a segunda metade do século XIX o uso da cannabis se tornou amplamente difundido, sendo uma das principais indicações o tratamento da dependência de ópio e seus derivados. Enquanto crescia a utilização médica dos canabinoides na Inglaterra, na França se popularizava seu uso social. Nesse momento, o médico francês Jacques Joseph Moreau se interessou pelas propriedades da cannabis e se propôs a viajar por vários países, como Egito e Síria, para entender seus efeitos. Em 1840, ele decidiu ingerir um pouco de haxixe com

a intenção de experimentar as sensações e relatar seus efeitos, descrevendo-os como uma mistura de euforia, alucinação e incoerência; no entanto, ele constatou um fluxo de ideias extremamente rápido<sup>19</sup>. Em 1844, Moreau conheceu o filósofo, escritor e jornalista francês Theophile Gautier, que ficou impressionado com a descrição de Moreau sobre os efeitos da cannabis. Gautier definiu os efeitos da cannabis como “uma intoxicação intelectual preferível à embriaguez pesada e ignorante do álcool”. Empolgados com os efeitos da planta, ambos convidaram um grupo de intelectuais para dividir suas experiências, formando o *Club des Hachichins* (Clube do Haxixe). Entre seus participantes pode-se citar: Alexandre Dumas, Victor Hugo, Gerard de Neval, Honoré de Balzac, Charles Baudelaire, Eugene Delacroix, entre outros<sup>20</sup>.

Os membros do grupo reuniam-se regularmente entre 1844 e 1849, na casa Pimodan, vestidos com roupas árabes, e ingeriam um café forte, ricamente misturado com haxixe, noz-moscada, canela, pistache, suco de laranja, açúcar e manteiga, cuja mistura recebeu o nome de “*dawameska*”. Alguns deles registravam suas experiências. Na realidade, todos os participantes das reuniões eram cobaias do Dr. Moreau, que tinha em mãos um grupo de intelectuais extremamente articulados, podendo observar suas reações ao uso do haxixe. Em 1846, ele descreveu, em termos científicos, suas observações em um livro de 439 páginas, intitulado “*Du Hachish et de l'Alienation Mentale – Études Psychologiques*” (Haxixe e Problemas Mentais – Estudos Psicológicos).

Em 1860, ocorreu a primeira conferência clínica sobre cannabis nos Estados Unidos da América, organizada pela *Ohio State Medical Society*<sup>2</sup>. No início do século XX era possível encontrar produtos à base de cannabis nas farmácias de diversos países, incluindo o Brasil, como os cigarros Índios e as cigarrilhas Grimault<sup>17</sup>. Nesse período, os produtos enriquecidos com canabinoides eram produzidos por importantes laboratórios farmacêuticos, como Merck, Burroughs Wellcome, Bristol Meyers Squibb, Parke-Davis e Eli Lilly. Porém, o desenvolvimento de outras medicações e a falta de um padrão fez com que seu uso medicinal fosse decaindo de forma lenta e progressiva.

Nos anos de 1920, os EUA passaram a receber muitos imigrantes, principalmente latinos e árabes que já consumiam a cannabis. Em pouco tempo seu consumo se tornou desgovernado no país, principalmente nos redutos negros do sul.

Em 1925, na convenção de Genebra a respeito das drogas ilícitas, houve depoimentos de diversos países, incluindo do Brasil, que por meio do médico Pernambuco Filho comparou a cannabis com os efeitos da heroína. Conjugado a isso, o Brasil traz em seu histórico uma das primeiras proibições do continente americano contra a maconha (Lei Pito do Pango, RJ, 1830). A mencionada declaração foi decisiva para um alerta mundial sobre os riscos do uso da planta<sup>21</sup>.

Em 1933 iniciou-se o primeiro de quatro mandatos do governo Roosevelt, que acabou com a formulação da lei seca, sem, no entanto, extinguir o departamento federal de narcóticos do tesouro, liderado por Harry Jacob Anslinger. Roosevelt fortaleceu o departamento, que passou a ter como objetivo acabar com o consumo de cannabis, uma droga que ameaçava a juventude branca americana que passou a frequentar os bares negros de Jazz<sup>22</sup>.

A cannabis era uma concorrente natural do cultivo do algodão, importante para a oligarquia do sul dos EUA<sup>22</sup>. Também era concor-

rente do uso adulto das bebidas alcoólicas produzidas no norte dos EUA, consumidas por imigrantes pobres, favorecendo as relações inter-raciais. Por qualquer um, ou por todos os motivos descritos acima, a cannabis se tornou “o vilão número um” e diversas ações foram realizadas para dar fim à sua existência.

A estratégia foi a repressão aos redutos de jazz, a fim de afastar o público branco dos artistas negros como Louis Armstrong, Fats Waller, Duke Ellington e Billie Holiday. Esta última, por sua vez, foi algemada em seu leito de morte por Anslinger, prova da perseguição aos artistas negros<sup>24</sup>.

Em 1936 foi lançado o filme “*Reefer Madness*” (“A loucura da maconha”), que mostra jovens brancos tornando-se psicopatas, depravados ou loucos com poucos tragos de um cigarro de cannabis<sup>11</sup>. Assim, em 1937, foi aprovada nos EUA a lei conhecida como “*Marijuana Tax Act*”, ou “imposto sobre a cannabis”, que tinha a finalidade de proibir o uso adulto ou social, mantendo o medicinal. Contudo, na prática, tornou-se impossível sua utilização para qualquer fim<sup>23</sup>.

No ano de 1938 a cannabis teve seu plantio, cultura, colheita e comercialização proibidos em solo americano. Parecia que Anslinger havia convencido a todos sobre os perigos da planta; mas, na verdade, não a todos<sup>25</sup>. Nesse mesmo ano de 1938, o prefeito de Nova York, Fiorello La Guardia, nomeou uma comissão de inquérito composta por médicos, professores e pesquisadores, para avaliar os riscos do consumo da cannabis. O relatório desse estudo, conhecido como Relatório La Guardia, demorou cinco anos para ser publicado. Entretanto, nesse lapso, muitos fatos importantes aconteceram no mundo, incluindo a segunda guerra mundial.

Em setembro de 1939 teve início a segunda grande guerra, tendo os EUA se mantido distantes do conflito até dezembro de 1941, quando sua base de Pearl Harbor foi bombardeada pelos japoneses<sup>26</sup>. As forças armadas estadunidenses, assim como as de vários países, usavam a fibra de cânhamo (uma espécie da cannabis de baixa psicoatividade) para produção de fardas, paraquedas, cordas marítimas e lonas para barracas.

Contudo, com o plantio proibido em território nacional, e o maior país produtor dessa *commodity*, a China, estando sob domínio japonês, o governo estadunidense, por meio do Ministério da Agricultura, fez uma pausa na lei que proibia o cultivo da planta, lançando o documentário “*Hemp for Victory*” em 1942, a fim de incentivar os fazendeiros americanos a produzirem o máximo de cânhamo possível<sup>27</sup>.

Em 1944, ainda na vigência da segunda guerra mundial, foi entregue o resultado do Relatório La Guardia, apoiado pela sociedade científica da época, contestando todos os argumentos utilizados por Anslinger, ensejadores da proibição da cannabis<sup>28</sup>. O relatório foi desafiado por Anslinger, que o classificou como não científico, de modo que a produção de cânhamo voltou a ser proibida assim que a segunda guerra terminou, em 1945<sup>29</sup>. Após o fim da segunda guerra mundial, o mundo praticamente se dividiu em dois grandes blocos, um sob a influência dos EUA e outro da então União Soviética, iniciando-se, assim, em 1947, a conhecida “guerra fria”. Com o discurso da ameaça comunista no ocidente, fortalecido com o apoio soviético na revolução cubana de 1959, EUA e URSS passaram a se envolver em diversos conflitos pelo mundo, sendo um dos mais conhecidos a guerra do Vietnã<sup>30</sup>.

Em 1964, o Congresso estadunidense autorizou a entrada do país na guerra, e iniciou-se, imediatamente, uma forte oposição de parte da sociedade. Após cinco anos de guerra, já no governo de Richard Milhous Nixon, implantou-se um combate implacável contra as drogas. O então presidente dos EUA, convivendo com protestos realizados por grupos *hippies* contra a guerra, rebateu a oposição perseguindo-a com o argumento de serem viciados<sup>31</sup>.

Nesse mesmo período, de forma desprezível, um grupo de cientistas do departamento de química da Universidade Hebraica de Jerusalém, liderados pelo professor Raphael Mechoulam, passou a estudar a planta da cannabis. Na primeira metade da década de 1960 o grupo descreveu a estrutura de elementos químicos da planta, os quais seriam conhecidas como fitocanabinoides, entre eles o “delta-9-tetraidrocanabinol” (THC) e o “canabidiol” (CBD). Israel estava em um dilema, pois iniciava uma pesquisa sobre uma planta que era considerada um risco à saúde pública pelo seu principal aliado, os EUA<sup>32</sup>.

No ocidente as ações contra a cannabis só cresciam. Em 1970 Nixon criou a “Comissão Nacional sobre Maconha e Abuso de Drogas”, conhecida como “Comissão Shafer”. Após realizar estudos a comissão concluiu que não existia nada que confirmasse os argumentos da proibição. Nixon ignorou o relatório.

No ano seguinte, a Organização das Nações Unidas (ONU) classificou a cannabis como uma planta sem fins terapêuticos e com alto poder de abuso. Ao mesmo tempo, Robert Randall, um estadunidense portador de glaucoma, recuperou a visão após o uso de cannabis, sendo que, anos mais tarde, ele se tornou o primeiro paciente a ter autorização para o uso medicinal da planta nos EUA<sup>32</sup>. Com o término do governo Nixon, os presidentes Gerald Ford e Jimmy Carter foram mais brandos em relação à cannabis.

Devido a uma lenda surgida durante o governo de Ronald Reagan, a cannabis voltou a ser combatida. O surgimento da lenda se deu a partir de um estudo realizado na Califórnia, enquanto Reagan ainda era governador daquele estado. A pesquisa realizada com macacos Rhesus teve, como metodologia, fazê-los inalar o equivalente a 60 cigarros de cannabis durante 5 minutos diariamente.

O experimento, com duração de 90 dias, resultou nas mortes das cobaias, em cujas necrópsias foram observadas áreas de encefalomalacia teoricamente provocadas pela cannabis<sup>23</sup>. Tempos depois, concluiu-se que houve negligência na metodologia empregada, revelando-se, por meio de evidências científicas, que a *causa mortis* foi por hipóxia cerebral, e não um efeito direto do uso da planta.

Enquanto a guerra contra a cannabis crescia, o grupo do professor Raphael Mechoulam continuava a inspirar cientistas de várias partes do mundo, incluindo o Brasil. Neste país, o grupo de pesquisadores liderados por Elisardo Luiz de Araujo Carlini, que em 1980 realizou, em conjunto com o Professor Sanvito e com o próprio Mechoulam, o primeiro estudo científico sobre o uso do canabidiol isolado no controle de crises convulsivas em pacientes epiléticos refratários. O estudo duplo-cego contou com 15 pacientes divididos em dois grupos, um dos quais foi considerado placebo. Em apenas oito semanas de estudo, os pesquisadores comprovaram a eficácia do canabidiol no controle de crises epiléticas, motivando outras pesquisas em diversos centros no mundo<sup>34</sup>.

Houve uma nova descoberta, em 1988, que mudou toda a forma de entender os mecanismos farmacológicos da cannabis: o grupo de

pesquisadores liderados pela professora Allyn Howlett, do departamento de fisiologia e farmacologia da *Wake Forest School of Medicine*, em Winston-Salem, Carolina do Norte, descobriu, em cérebros de ratos, um receptor exclusivo para o THC, o que não faria sentido a não ser que os animais produzissem de forma intrínseca algo semelhante<sup>23</sup>. Alguns anos depois, quem encontrou essa forma endógena de canabinoide foi o grupo do professor Raphael Mechulam, que batizou a molécula de anandamida (*ananda* em sânscrito significa “felicidade plena”), após três décadas de estudo dos fitocannabinoides. Com essa descoberta se elucidou o funcionamento do sistema endocanabinoide presente em todos os vertebrados e fundamental para o processo de homeostase dos mamíferos<sup>2</sup>.

Atualmente o uso medicinal da cannabis é reconhecido em dezenas de países e novos artigos evidenciam a complexidade do sistema endocanabinoide, bem como sua relevância na saúde e bem-estar do ser humano<sup>17</sup>. Segundo dados do *Google Scholar* houve em 2011 um total de 59 artigos publicados com o título “*medical cannabis*”; já em 2021, foram publicados 379 artigos, um aumento de mais de 320% em 10 anos. Contudo, ainda há muito ser elucidado a respeito desse tema.

## CONCLUSÃO

O uso medicinal da cannabis é descrito a quase 5000 anos, porém o conhecimento científico da planta ainda não atingiu 80 anos. Os maiores avanços foram a elucidação do sistema endocanabinoide com a descoberta dos receptores CB e dos endocannabinoides no final do século passado. É inegável a necessidade de estudos mais abrangentes e elaborados, mas o preconceito e a dificuldade de acesso a essa ferramenta terapêutica impede esse desenvolvimento.

## CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

### Pedro Antonio Pierro Neto

Coleta de Dados, Gerenciamento do Projeto, Investigação, Redação - Preparação do Original, Supervisão

### Luiz Marcelo Chiarotto Pierro

Conceitualização, Investigação, Redação - Revisão e Edição, Supervisão

### Sergio Tadeu Fernandes

Metodologia, Redação - Revisão e Edição

## REFERÊNCIAS

- Ren G, Zhang X, Li Y, Ridout K, Serrano-Serrano ML, Yang Y, Liu A, Ravikanth G, Nawaz MA, Mumtaz AS, Salamin N, Fumagalli L. Large-scale whole-genome resequencing unravels the domestication history of Cannabis sativa. *Sci Adv*. 2021 Jul 16;7(29):eabg2286.
- Zuardi AW. History of cannabis as a medicine: a review. *Braz J Psychiatry*. 2006;28(2):153-7.
- Escohotado A. Historia general de las drogas. Espasa; 1999.
- Almeida MZ. Plantas medicinais. Edufba; 2003.
- Kalant H. Medicinal use of cannabis: history and current status. *Pain Res Manag*. 2001;6(2):80-91.
- Madaleno IM. Plantas medicinais consumidas em Cochim, no século XVI e na atualidade. *Bol Mus Para Emílio Goeldi Ciênc hum*. 2015;10:109-42.
- Stella J. O Atharvaveda. *Revista de História*. 1973;47:491.
- Queiroga AHE. Uso de Cannabis de forma medicinal: conceitos e preconceitos na sociedade. 2022.
- Martins CD. Universidade Federal do Ceará Faculdade de Direito Graduação.
- Polosmak N. A mummy unearthed from the pastures of heaven. *National Geographic* [Internet]. 1994 [citado 19 de março de 2023]; Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/A-mummy-unearthed-from-the-pastures-of-heaven-Polosmak/ac80b360387c17c3584822e9bf9736c61b97acc>
- Grosso AF. Cannabis: de planta condenada pelo preconceito a uma das grandes opções terapêuticas do século. *J Human Growth Develop*. 2020;30(1):94-7.
- Mechoulam R, organizador. *Cannabinoids as Therapeutic Agents* [Internet]. 1o ed. Chapman and Hall/CRC; 2019 [citado 26 de junho de 2022]. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9780429522796>
- Nahas GC. Cannabis: toxicological properties and epidemiological aspects. *Med J Aust*. 1986;145(2):82-7.
- Smith RD. Avicenna and the Canon of Medicine: a millennial tribute. *West J Med*. 1980;133(4):367-70.
- Pereira Dos Santos A, Freitas Rodrigues R, Rodrigues de Figueiredo E, Souza L, Amaral Toledo Coelho V, Santos Bigatello C. Importância do Canabidiol para o tratamento da epilepsia no Brasil. *Rev Saúde dos Vagos* [Internet]. 2020 [citado 26 de junho de 2022];1(1). Disponível em: [https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2020/450\\_importancia\\_do\\_canabidiol\\_para\\_o\\_tratamento\\_da\\_epilepsia\\_no\\_brasil.pdf](https://revistas.unipacto.com.br/storage/publicacoes/2020/450_importancia_do_canabidiol_para_o_tratamento_da_epilepsia_no_brasil.pdf)
- Du Toit BM. Cannabis in Africa: a survey of its distribution in Africa, and a study of cannabis use and users in multi-ethnic South Africa. Rotterdam: Published for the African Studies Center, University of Florida, Gainesville, Florida by A.A. Balkema; 1980. 512p.
- Carlini EA. A história da maconha no Brasil. *J Bras Psiquiatr*. 2006;55:314-7.
- O'Shaughnessy WB. On the Preparations of the Indian Hemp, or Gunjah. *Prov Med J Retrospect Med Sci*. 1843;5(123):363-9.
- Pérez-Rincón H. A dramática vida de um psiquiatra escritor que abandonou a psiquiatria, mas que a psiquiatria não o abandonou. *Rev Latin Am Psicopatol Fundam*. 2013;16(2):208-17.
- Gurian GF. Notas sobre o consumo de haxixe pelos literatos parisienses do Clube dos Haxixins. *Temporalidades*. 2016;8(2):285-305.
- A Emergência da Política Mundial de Drogas: o Brasil e as Primeiras Conferências Internacionais Do Ópio. [Internet]. [citado 19 de março de 2023]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/285040014\\_A\\_EMERGENCIA\\_DA\\_POLITICA\\_MUNDIAL\\_DE\\_DROGAS\\_O\\_BRASIL\\_E\\_AS\\_PRIMEIRAS\\_CONFERENCIAS\\_INTERNACIONAIS\\_DO\\_OPIO](https://www.researchgate.net/publication/285040014_A_EMERGENCIA_DA_POLITICA_MUNDIAL_DE_DROGAS_O_BRASIL_E_AS_PRIMEIRAS_CONFERENCIAS_INTERNACIONAIS_DO_OPIO)
- Perfeito N. Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências Jurídicas Departamento de Direito. 2018;85.
- Howlett AC, Breivogel CS, Childers SR, Deadwyler SA, Hampson RE, Porrino LJ. Cannabinoid physiology and pharmacology: 30 years of progress. *Neuropharmacology*. 2004;47(Suppl 1):345-58.
- Honório KM, Arroio A, Silva ABF. Aspectos terapêuticos de compostos da planta Cannabis sativa. *Quím Nova*. 2006;29:318-25.
- Schaller M. The Federal Prohibition of Marihuana. *J Soc History*. 1970;4(1):61-74.
- Silveira J. II Guerra: momentos críticos. Mauad Editora Ltda; 1995. 268p.
- Davis RM. Hemp for Victory: A Global Warming Solution. Lulu.com; 2009. 232p.
- Fabrício PC. Os discursos contemporâneos da psiquiatria sobre a maconha no Brasil. *Contemporary psychiatry discourses on marijuana in Brazil* [Internet]. 2021 [citado 19 de março de 2023]; Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/49247>.
- Reis EM. A trajetória legal da cannabis na Espanha, no Uruguai nos Estados Unidos: uma análise da regulamentação da maconha à luz da corrente ecossocialista. 5 de março de 2018 [citado 3 de julho de 2022]; Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25413>.
- Pautasso D. China, Rússia e a Integração Asiática: o Sistema Sinocêntrico como Parte da Transição Sistêmica. *Conjuntura Austral/UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul* [Internet]. 28 de abril de 2011 [citado 3 de julho de 2022];2(5). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/18688>.
- Gomes MC. A DEA e os países latino-americanos: análise da trajetória da agência entre os mandatos de Richard Nixon e Bill Clinton na América Latina à luz da Necropolítica. 2021;
- Cohen M. Tudo sobre drogas: Maconha. Nova Cultural; 1988.
- Muniz VM. Legalização da maconha: propriedades industriais da cannabis como um propulsor do desenvolvimento econômico nacional. 2019 [citado 19 de março de 2023]; Disponível em: <http://app.ufr.br/riuff/handle/1/13009>.
- Carlini EA, Cunha JM. Hypnotic and antiepileptic effects of cannabidiol. *J Clin Pharmacol*. 1981;21(S1):417S-427S.

